

CERIMÓNIA DE ABERTURA DOS ENCONTROS ALCULTUR 2008 - Cultura, Emprego, Economia -

DISCURSO PROFERIDO POR FRANCISCA ABREU,
VEREADORA DA CULTURA DA CÂMARA MUNICIPAL DE GUIMARÃES

Exmo. (membros da Mesa)

Começo por dar a todos os participantes as boas-vindas a Guimarães e dizer-lhes que é com muito prazer que os acolhemos entre nós, mais a mais num evento no qual teremos oportunidade de debater aspectos muito actuais e pertinentes relacionados com o que, de um modo ou outro, nos move a todos: a Cultura.

E a primeira ideia que gostaria de vincar é justamente a de que, independentemente do papel concreto que cada um dos presentes desempenha na sua área profissional, todos somos necessários para o desenvolvimento cultural que pretendemos e, em certa medida, todos estamos condenados, senão a entendermo-nos, pelo menos a encontrar plataformas que permitam continuar a apostar na criação, na produção e na circulação culturais.

Permitam-me, assim, que vos fale apenas enquanto autarca com competências na área cultural, num concelho médio de Portugal com uma população muito jovem e a viver uma crise social marcada por altas taxas de desemprego, também entre os licenciados à procura do 1º emprego. Um concelho cujos recursos humanos têm baixos níveis de qualificação e se deparam com a necessidade inexorável de alterar de forma estrutural o modelo económico tradicional, apostando cada vez mais em indústrias e serviços com uma crescente incorporação tecnológica e científica nos quais a mão-de-obra barata deixou de ser um trunfo.

Ora, numa autarquia que elegeu como prioridade contribuir activamente para aquela mudança estrutural, que procura criar caminhos alternativos que se possam constituir como projectos profissionais viáveis e competitivos, pergunta-se: pode a cultura ter um papel que vá além do que tem tido até agora, de forma a assegurar não apenas a formação de públicos para as artes,

mas também a criação de alternativas de futuro criadoras de emprego e de riqueza? Pode a cultura ter um papel activo no futuro modelo económico a implementar nesta e noutras regiões?

Sem me querer anteciper às conclusões de alguns debates a que teremos o prazer de assistir durante este encontro, manifesto a nossa convicção de que sim, pode.

O investimento cultural que Guimarães tem feito nas últimas décadas procurou não descurar nem a cultura material, nem a imaterial. Reabilitamos o património construído e, simultaneamente, mantivemos um nível crescente de oferta cultural de raiz contemporânea. O nosso Centro Histórico foi classificado pela UNESCO como Património Cultural da Humanidade; a forma como os vários actores locais conseguiram consolidar uma programação cultural regular e sustentável contribuíram para a designação de Guimarães como uma das Capitais Europeias da Cultura de 2012.

Se é certo que a classificação da UNESCO teve impactos económicos iniludíveis, estamos convictos de a Capital Europeia da Cultura pode e deve constituir um impulso decisivo para a implantação e desenvolvimento de indústrias criativas e culturais criadoras de emprego e de projectos de vida.

Subjacente à criação das capitais europeias da cultura está a ideia de reforço da construção e consciência europeias, de conhecimento recíproco, de circulação de autores e projectos, de síntese de experiências e vivências, de veículo para expressões contemporâneas na estética, nas preocupações, nas perspectivas.

Mas na candidatura que apresentamos recentemente aparece bem vincada a intenção de, com a capital europeia da cultura, criar ferramentas e estruturas sustentáveis que perdurem para além de 2012 e que sejam criadoras, inovadoras, agregadoras de competências e vontades. Que criem riqueza e, desse modo, que influenciem directamente o nosso desenvolvimento, não apenas cultural em sentido estrito, mas igualmente económico e profissional.

Durante a auscultação que o Grupo de Missão encarregue de redigir a candidatura da Capital Europeia estendeu a variadíssimos grupos profissionais e sociais, foi notória a avaliação de que existe um fosso que é necessário vencer, entre a produção e o consumo culturais. Falo-vos, repito, enquanto

Vereadora da Cultura de Guimarães e reforço essa convicção: é necessário incentivar o aparecimento e fixação de estruturas de criação e produção, sem descurar tudo o que tem sido e pode vir a ser feito em matéria de circulação, divulgação e consumo.

Finalmente, dizer-vos que a Capital Europeia da Cultura, estando sediada numa determinada área geográfica, é um projecto eminentemente nacional cujo impacto se espera possa ultrapassar as nossas fronteiras. Deste modo, à semelhança do que fizemos durante a fase de auscultação, gostaria de vincar que este é um desafio nacional e que contamos com todos para a sua construção e, acima de tudo, para que o projecto seja indutor de mudanças estruturais que perdurem na cidade e na vida quotidiana dos seus cidadãos.

Agradeço à Cultideias e ao Vítor Martelo a escolha de Guimarães e a qualidade deste programa, agradeço a todos quantos se disponibilizaram para participar nos debates e painéis e desejo a todos que os trabalhos decorram de forma profícua, sem contudo impedir a fruição de uma cidade que, repito, tem todo o prazer em acolher-vos.

Disse.